

Nunes diz que trabalhará para o MDB não apoiar Lula em 2026

Ricardo Nunes

‘Não tem o menor sentido eu defender o apoio à reeleição do Lula’

— Prefeito reeleito quer MDB em um projeto eleitoral alinhado a Tarcísio ou Bolsonaro em 2026



ENTREVISTA

Aos 56 anos, é prefeito reeleito de São Paulo; antes, cumpriu dois mandatos como vereador da capital, sempre pelo MDB

BIANCA GOMES PEDRO AUGUSTO Figueiredo

Releito no último domingo para administrar a cidade de São Paulo por mais quatro anos, Ricardo Nunes disse ontem, em entrevista ao Estado, que vai trabalhar para que o seu partido, o MDB, apoie o governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) ou o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) na eleição presidencial de 2026. “Não tem o menor sentido, aqui em São Paulo, eu defender o apoio à reeleição do presidente Lula ou do PT porque eles agiram de forma muito contundente contra a minha candidatura”, afirmou Nunes. “É natural, e óbvio, que eu vou defender quem me apoiou. E quem me apoiou foi o Tarcísio, quem me apoiou foi o presidente Bolsonaro”, acrescentou ele.

Com a vitória de Nunes na capital paulista, o MDB alcançou pela primeira vez, o comando da maior metrópole da América Latina por meio do voto popular. Até então, a única ocasião em que o partido havia governa-

do a cidade fora em 1983, quando Mário Covas tornou-se o último prefeito bônico antes da redemocratização do País. O prefeito obteve no segundo turno da disputa municipal 3.393.110 votos (59,35% dos válidos), cerca de 1 milhão de votos a mais do que Guilherme Boulos (PSOL).

O MDB tem três ministérios no governo Lula — Planejamento, comandado por Simone Tebet; Cidades, chefiado por Jader Filho; e Transportes, com Renan Filho. No segundo turno da última eleição presidencial, a legenda ficou neutra e liberou seus filiados para apoiar tanto o perista quanto Bolsonaro. Tebet foi uma das que declararam voto em Lula.

Nunes disse não ser o único dentro de sua sigla que deseja barrar o apoio a um projeto do PT. Ele relata que conversou com o prefeito reeleito de Porto Alegre, Sebastião Melo (MDB), que o incentivou a usar sua “força política” para impedir que não apoie Lula na disputa de 2026.

O MDB tem três ministros no governo Lula e se aproximou do governador Tarcísio até em função da participação dele na sua reeleição. O que o sr. vai defender para o futuro do MDB, principalmente em relação à eleição de 2026?

Eu vou defender, obviamente, como conversei com o (Sebastião) Melo, prefeito de Porto Alegre reeleito, de que a gente caminha com quem nos apoiou. Não tem o menor sentido,

aqui em São Paulo, eu defender apoio à reeleição do presidente Lula ou do PT, porque eles agiram de uma forma muito contundente contra a minha candidatura. É natural e óbvio que eu vou defender quem me apoiou. Quem me apoiou foi o Tarcísio, o presidente Bolsonaro. Em retribuição, é óbvio que eu vou fazer isso, porque eu sempre fui uma pessoa de ter, no meu histórico de vida, a coerência. E foi o que o (Sebastião) Melo me falou ontem, por exemplo: “Ricardo, você precisa usar sua força para não deixar (o MDB) apoiar o Lula, porque eles colocaram a Maria do Rosário aqui, batendo em mim”.

“É natural e óbvio que eu vou defender (que o MDB apoie em 2026) quem me apoiou. Quem me apoiou foi o Tarcísio, o presidente Bolsonaro”

“A mulher do presidente (Lula), fez um vídeo totalmente fake news um dia antes da eleição para atacar a mim e à minha esposa. Não é correto isso”

E se o MDB acabar caminhando com o presidente Lula?

Não vai.

Em 2022, o sr. ficou muito incomodado com a presença da hoje ministra Simone Tebet no palanque do Lula... Eu não fiquei incomodado. Só achei que ela poderia ter me consultado. Aqui foi o local que ela mais teve voto. Por coerência. Ela era candidata do meu partido, eu fiz campanha para ela. Ela teve muito mais votos aqui do que na terra dela. Na hora de declarar apoio, ela poderia pelo menos ter conversado (comigo). Porque durante o processo da pré-campanha e da campanha, ela me procurou muitas vezes e a gente conversou bastante. Não que eu fosse influenciar, mas só por uma questão de consideração.

Se o MDB caminhar com Lula, o que o senhor vai fazer, prefeito?

É muito cedo. Eu vou fazer o meu trabalho para não ir.

O que o sr. espera da relação com o governo federal no próximo mandato? Que o governo federal trate a cidade de São Paulo com o respeito que ela merece. Acabou a eleição. Eu acho que o governo federal extrapolou dentro do contexto de uma relação republicana, mas tudo bem, está no passado. O que a gente precisa é ter uma relação de respeito com o povo de São Paulo. A liberação dos casos que a gente

tem no PAC, que até agora não saiu nada, a questão da Enel é fundamental. Quando o governo federal deixa de assumir a sua responsabilidade, porque é deles, prejudica o povo da cidade de São Paulo e de outros 23 municípios.

Por que o governo extrapolou?

Algumas falas desnecessárias. Amulher do presidente fez um vídeo totalmente fake news um dia antes da eleição para atacar a mim e à minha esposa (Um vídeo publicado pela primeira-dama, Rosângela da Silva, a Janja, na véspera da eleição, cita o boletim de ocorrência registrado em 2011 pela esposa do prefeito, Regina Nunes, por suposta violência doméstica, ameaça e injúria). Não é correto isso. Eu levei a campanha com muito respeito, colocando minhas posições e diferenças com relação aos adversários, mas sem levar para a baixaria e para esse ponto de desespero. As outras questões são normais: o presidente Lula ter seu candidato, apoiar e pedir voto para. É do jogo e tem que ser feito, como Tarcísio fez (com ele).

O sr. vai ligar para o presidente ou espera que ele o convide para uma reunião? Quem ganhou a eleição fui eu, quem tem que ligar para mim é ele.

Ele não procurou o senhor? Não. Nem ele, nem o derrotado (Guilherme Boulos).



O ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) teve uma postura dubia ao longo da campanha em relação ao senhor.

Ficou alguma mágoa? Nós ganhamos a eleição e o Bolsonaro deu sua contribuição. No início quando ele trouxe o PL para nos apoiar e fez a indicação de coronel Mello foi super importante porque a gente fez com que o centro e a direita estivessem unidos contra a extrema esquerda. Ai depois acabou tendo que viajar muito para os municípios. Agora se falasse “espera um pouquinho, o presidente está andando de jet ski lá em Ilhabela...” Eu ia ficar chateado. Eu ficava entrando na rede social dele. Ele estava lá fazendo uma carreira, uma caminhada, comício, então ele estava trabalhando nesse aspecto em outros municípios. Não tenho o que reclamar do presidente Bolsonaro. Só tenho agradecer pela sua participação no processo eleitoral.

O bolsonarismo vai estar representado de alguma forma na sua nova gestão? Já está através do Mello (Aráújo, vice-prefeito). De secretaria, o presidente Bolsonaro nunca me pediu nenhuma secretaria, nunca falou nada sobre indica-

ção, acho que nem pretende fazer nenhuma indicação ou sugestão. A gente vai ter o Mello participando bastante ativamente do governo, porque foi eleito, comigo, vice-prefeito. Obviamente, os partidos vão fazer sugestão de nome, de indicação, isso é natural. Mas a escolha vai ser minha.

Tem acordo para a eleição da presidência da Câmara? Tem acordo para que seja do União Brasil?

Deve ser do União. No primeiro turno, tivemos uma conversa com o União Brasil, tanto com o Rueda quanto com o Milton Leite, que eles pleitearam e a gente não colocou nenhuma objeção. Evidentemente, vai depender do nome que eles vão apresentar.

Quem, na bancada do União Brasil, o senhor considera ter condições de disputar a presidência? O Ricardo Teixeira é bom, já tem experiência. É muito difícil ser presidente da Câmara quem está em primeiro mandato.

Tem um livro sobre o Marçal (Pablo Marçal - A trajetória de um criminoso) em cima da sua mesa. O sr. já

leu? Eu ganhei esse livro em um almoço de apoio dos procuradores. Não li ainda.

Vê o Marçal com futuro na política? Zero. Nenhum.

Acha que ele vai ficar inelegitivo? Eu acho não. Ele tem que ficar.

Não é possível que alguém cometa tanta atrocidade, tantos atos contrários às pessoas e às normas legais e fique impune. Não tem o menor sentido. Vai ser uma vergonha se ele não pagar pelo que ele fez.

A campanha do PSOL entrou com uma ação pedindo a inelegitimidade do governador Tarcísio pela declaração dele de que o PCC recomendou voto no Boulos. O sr. acha que governador também deve ficar inelegitivo? Não, aquilo foi uma maldade e irresponsabilidade da Folha de S.Paulo.

Mas o governador não deu aquela declaração?

Ele respondeu uma pergunta. É muito diferente de você chegar num lugar e falar: ‘vem cá, quero

dizer uma coisa para vocês. O PCC, ou o João, ou o integrante, ou sei lá quem soltou um bilhete pedindo voto para a Rosana Valle, pro Boulos’. Ele não fez isso. Ele estava lá na coletiva, muito solícito com vocês da imprensa, e um jornalista pergunta para ele: ‘governador, tem uma matéria que saiu em algum lugar que fala que tem uma investigação, bilhetes de organização criminosa pedindo votos para pessoas do litoral e de outras cidades’. Ele falou: ‘Tem, a secretaria que cuida do sistema penitenciário interceptou uns bilhetes, tal e tal’. A repórter da Folha pergunta: ‘governador, quem é o candidato em São Paulo que eles indicam?’. O Tarcísio responde: ‘O Boulos’. Ele tinha respondido que era a Rosana Valle em Santos e respondeu uma pergunta. É muito diferente (...). Isso é desespero deles. Você vê o que a Janja fez comigo e com minha mulher no dia da eleição, o nível de responsabilidade.

O congelamento da tarifa de ônibus vai ser mantido no ano que vem?

Manter a tarifa baixa é importante dentro desse contexto de política pública. Eu quero manter. O que eu só não posso é ser irresponsável. ●

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Política **Caderno:** A **Página:** 6 e 7